



Eixo: Classes sociais, geração e Serviço Social.

Sub-eixo: Envelhecimento

O PROTAGONISMO DAS MULHERES IDOSAS NOS PROGRAMAS DE UNIVERSIDADE DE TERCEIRA IDADE

ALZIRA TEREZA GARCIA LOBATO¹
CARLA VIRGINIA URICH LOBATO²

Resumo: Este trabalho apresentará os resultados de pesquisa realizada com mulheres idosas de um programa de universidade de terceira idade, refletindo as questões de gênero e geração que se apresentam no perfil dessas idosas, considerando sua trajetória de vida em relação ao acesso à educação, inclusive nesta fase da velhice, onde demonstram interesses em novos aprendizados.

Palavras-chave: cidadania; mulheres idosas; universidade da terceira idade.

Abstract: This paper will present the results of research conducted with elderly women from a university program for the elderly, reflecting gender and generation issues that are given in the profile of these older, considering his life story in relation to access to education even at this stage of aging, which show interest in a new learning.

Keywords: citizenship; elderly women; University to Third Age.

1- INTRODUÇÃO:

O envelhecimento da população é um fenômeno que presenciamos em nível mundial. No Brasil, o segmento de idosos, pessoas com 60 anos e mais, é o que mais cresce. No Censo de 2000 os idosos contabilizavam 14,5 milhões, representando 8% de nossa população, hoje, de acordo com o último Censo (IBGE, 2010) temos 21 milhões de pessoas idosas, ou seja, quase 11% da população brasileira. Estamos vivendo muito mais pois nossa expectativa de vida que no início do século XX era de 33 anos e 7 meses, hoje chega aos 73 anos e 8 meses (IBGE, 2010).

¹ Professor com formação em Serviço Social. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: <cidadania.unati@gmail.com>

² Estudante de Graduação. Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Berzins (2003) em seus estudos afirma que a associação da queda da mortalidade e da redução da fecundidade irá refletir no processo de envelhecimento da população. A autora chama atenção para o fato de que as mulheres estão em maioria na população idosa, em todas as regiões do mundo, o que caracteriza um processo de feminização do envelhecimento. No Brasil essa tendência também se verifica na medida em que 55% dos idosos são mulheres e vivem em média 7 anos a mais que os homens. Berzins considera que o recorte de gênero é determinante para a compreensão da velhice de homens e mulheres que se processa de modo diferente, tanto nos aspectos sociais, econômicos, nas condições de vida, nas doenças e até mesmo na subjetividade. No que diz respeito aos fatores que contribuem para a maior longevidade da população feminina, a autora destaca os seguintes: proteção hormonal do estrógeno, diferente inserção da mulher no mercado de trabalho, consumo diferente de tabaco e álcool, postura diferente em relação à saúde/doença e relação diferente com os serviços de saúde. (BERZINS, 2003, p. 28-29).

A partir desses dados fomos buscar em Louro (1995) a compreensão de que as questões de gênero vão além das chamadas diferenças biológicas que conformam homens e mulheres em nossa sociedade, pois gênero é um conceito relacional que interfere em nossas oportunidades sociais e orienta nossas relações com os outros. (LOURO, 1995, p. 7)

Estudos de Debert (1998) quanto às categorias de idade, sob o enfoque da antropologia, ao discutir o tema do envelhecimento trazem importantes contribuições para a compreensão do conceito de geração, do seguinte modo:

Apesar de suas conotações variadas, a ideia de geração implica um conjunto de mudanças que impõem singularidades de costumes e comportamentos a determinadas gerações. Daí falar-se em geração do pós-guerra, da televisão, de 68. A geração não se refere às pessoas que compartilham a idade, mas às que vivenciaram determinados eventos que definem trajetórias passadas e futuras. (DEBERT, 1998, p.60).

Identificamos que os estudos de gênero e geração nos auxiliam para análise das experiências dos idosos em programas de universidade de terceira idade em nosso país, desenvolvidos desde a década de 1990, tendo como

referência os programas franceses que buscavam a valorização dos idosos, no âmbito das universidades através de programas de extensão universitária, muitas vezes associados à pesquisa e ensino sobre o envelhecimento, conhecidos como Université Du Troisième Âge. Dando visibilidade a uma grande parcela de idosos, em sua maioria mulheres, esses programas vem traduzindo uma imagem da velhice como tempo de realizações, de atividade, de aprendizado e de conquista de direitos sociais para os idosos.

Avançando na análise do processo de envelhecimento, Lobato (2010) explicita que a contribuição do Serviço Social sobre o envelhecimento, dá-se na compreensão de que estamos diante de um processo que não é homogêneo e nem a-histórico e que em nossa sociedade, o aumento da expectativa de vida é determinado pelas condições de vida dos sujeitos que envelhecem. Assim, a inserção de classe dos sujeitos é uma determinação central para as condições de vida e trabalho. Portanto, para aqueles que vendem sua força de trabalho ao longo de sua vida produtiva, o envelhecimento é acompanhado de desvalorização, vulnerabilidade social, e, mesmo com a garantia do direito à aposentadoria, esses trabalhadores tem perdas financeiras significativas, principalmente porque perdem o valor de uso para o capital.

Teixeira (2008, p.40) analisando o envelhecimento e o trabalho na sociedade capitalista explicita que é na velhice que se evidencia a reprodução e a ampliação das desigualdades sociais sendo o envelhecimento do trabalhador uma das expressões da questão social o que

“por um lado remete à reconstrução dos processos materiais de existência sob a lógica do capital, que constituem seus determinantes fundamentais [e por outro] remete às lutas sociais de resistência que são o fundamento principal do rompimento dessa problemática no âmbito privado [...] e ascensão ao domínio público, como prioridade de políticas públicas, logo, da reprodução social sob responsabilidade dos fundos públicos.” (TEIXEIRA, 2008, p.43)

De acordo com Lobato (2018), corroborando com Teixeira (2008), foi possível identificar que os estudos do envelhecimento com base na perspectiva

marxista possibilitam compreender esse fenômeno na sua historicidade e totalidade.

“Nessa análise a inserção de classe dos sujeitos é determinação central para pensarmos suas condições de vida e trabalho e as condições de seu envelhecimento. Pautar nossas análises nessa matriz teórica nos possibilitou identificar que a desvalorização social do trabalhador tem seu ápice na velhice, quando ele é alijado da produção, e identificado como “incapaz para o trabalho” e sem valor para o capital.” (LOBATO, 2018, p.102)

No que tange às políticas para idosos no Brasil, Lobato (2010) esclarece que foram criadas ao longo da década de 1990, num contexto de hegemonia do ideário neoliberal, determinando a retirada de direitos e a ausência de financiamento público para as políticas sociais, o que tem gerado altas taxas de desemprego, expandindo o trabalho precário, informal, retirando dos trabalhadores as conquistas de direitos trabalhistas, como as aposentadorias.

Behring e Boschetti (2008) analisando as políticas sociais no contexto de hegemonia neoliberal afirmam que os direitos sociais têm sido relegados e as políticas sociais são transformadas em ações pontuais e compensatórias.

Apesar desse quadro desfavorável, desde a Constituição Brasileira de 1988, verificamos a garantia de direitos para os idosos, tendo em vista o Artigo 230 que atribui a responsabilidade da família, da sociedade e do Estado no amparo à população idosa tendo o dever de assegurar a participação na comunidade e o direito à vida. A Política Nacional do Idoso aprovada em 1994 e o Estatuto do Idoso sancionado em 2003, tendo como objetivo a integração social e a participação social dos idosos, vieram ampliar e regulamentar os direitos dos idosos afirmados na Constituição mas ainda não realizaram seus objetivos completamente e assim nos deparamos com as dificuldades orçamentárias e precariedade dessas políticas que dificultam a implementação dos direitos sociais dos idosos.

Portanto, objetivamos neste trabalho apresentar os resultados de pesquisa com mulheres idosas, alunas de uma universidade de terceira idade, de caráter público, que completa 25 anos de existência, analisando como as questões de gênero e geração influenciam o processo de envelhecimento dessas

mulheres idosas, priorizando o desenvolvimento do processo educativo das alunas inclusive na fase de envelhecimento.

Assim, num primeiro momento, apresentamos dados mais gerais a respeito do perfil de quem são as mulheres entrevistadas em nossa pesquisa. Em seguida, abordaremos questões relativas ao processo de escolarização das mulheres entrevistadas, tendo em vista apreender suas trajetórias de vida, no que diz respeito ao acesso ao estudo, considerando as questões de gênero e geração presentes em seus depoimentos. O recorte escolhido para tratar dessas questões foi demarcado a partir dos relatos das mulheres de nossa investigação que enfatizam: o acesso à escola na infância e juventude, o estudo após o casamento, como estratégias de resistência e garantia à educação para as mulheres; e novos aprendizados na velhice, quando escolhem participar de programa de universidade de terceira idade, buscando desenvolvimento da sociabilidade e atualização de conhecimentos que possibilitem uma maior participação na vida em sociedade.

2- Conhecendo as mulheres da nossa pesquisa:

Para Lobato (2010) é a partir da década de 1990 que presenciamos a ampliação dos programas de universidade de terceira idade, no interior das universidades, vinculados às atividades de extensão, mas também articulados ao ensino e à pesquisa, numa perspectiva de educação permanente para idosos, buscando garantir o direito à educação na velhice, uma das diretrizes das políticas para idosos.

Nossa pesquisa foi realizada num Programa de Universidade Aberta da Terceira, programa criado em 1993 com o objetivo de contribuir para a melhoria dos níveis de saúde física, mental e social das pessoas idosas. O primeiro estudo de perfil dos alunos do programa, segundo Lobato (2010), foi realizado em 1994 e coordenado por docente da Faculdade de Serviço Social, responsável pelo

desenvolvimento de projetos de extensão destinados aos alunos idosos, tendo como eixo temático discutir o processo de envelhecimento no Brasil e as políticas para idosos. Nesse estudo identificamos que 84% dos alunos eram mulheres idosas que buscavam o programa para o desenvolvimento da sociabilidade e novos aprendizados. Os homens, chegavam posteriormente ao programa, por estarem ainda envolvidos com o trabalho e representavam apenas 16% dos alunos e relatavam o interesse em novos aprendizados e na ocupação do tempo livre em decorrência da aposentadoria.

A pesquisa de que trata este trabalho, iniciou-se em 2013, contando com alunos de Serviço Social bolsistas de extensão que realizavam estágio curricular no programa participando do levantamento dos idosos que frequentavam o programa há mais de dez anos para seleção dos entrevistados nesta pesquisa. Posteriormente, contamos com alunos bolsistas de Iniciação Científica, no período de 2014 – 2016, que participaram da realização das entrevistas, da análise dos dados e da elaboração do relatório final. O tema pesquisado revelou-se de grande interesse para esses alunos que desenvolveram Trabalho de Conclusão de Curso de Serviço Social com base nos estudos da referida pesquisa.

Num primeiro momento de identificação das alunas idosas que frequentavam o programa há mais de dez anos, realizamos levantamento junto à Secretaria, encontrando 93 mulheres idosas matriculadas na condição de alunas desde a criação do programa em 1993. Porém, ao contarmos as alunas, muitas já não estavam mais frequentando. Dentro desse universo, tivemos 14 mulheres que se disponibilizaram a participar da pesquisa que frequentavam o programa há pelo menos oito anos. As entrevistas foram realizadas a partir de um roteiro com questões que nos possibilitaram reconstruir a trajetória do processo educativo dessas mulheres ao longo de suas vidas até o momento de ingresso e participação no referido programa. Nas entrevistas, que tiveram duração média de uma hora e meia, as mulheres demonstraram envolvimento com o tema, refletindo sobre o significado desse processo educativo tendo em vista as questões de

gênero e geração. A análise dos dados objetivou a compreensão dos discursos dos entrevistados numa abordagem qualitativa, buscando a categorização, a partir da leitura do material das entrevistas, com o subsídio das referências bibliográficas pertinentes ao tema investigado, na articulação entre o geral e o particular, a teoria e a empiria, na perspectiva de responder às questões da pesquisa. (MINAYO; SANCHES,1993).

Constatamos que as nossas entrevistadas nasceram na primeira metade do século XX, entre as décadas de 1930 e 1940, encontrando nesse grupo nove mulheres com idade acima de 75 anos e cinco mulheres com idade entre 65 e 69 anos, consideradas jovens idosas, de acordo com os estudos de Lobato (2010).

A maior parte dessas mulheres reside em bairros próximos à universidade, conhecidos como bairros de moradia das camadas médias cariocas, tais como: Maracanã, Vila Isabel e Tijuca e conforme Nunes (2001) facilitando o acesso e à frequência ao programa, tendo em vista as dificuldades de locomoção dos idosos nos grandes centros, principalmente quanto ao acesso aos transportes coletivos. Em sua maioria, essas idosas moram em imóveis próprios e é significativo o número de mulheres que moram sozinhas, embora relatem ter filhos e outros parentes mas não se sentem solitárias. Destacamos a participação predominante das mulheres viúvas (nove), no referido programa, demonstrando a importância de vivenciarem a velhice em espaços públicos ocupando o seu tempo livre, realizando desejos que não eram possíveis pelo fato de estarem casadas, na medida em que vivenciavam relações com os maridos de subordinação de gênero, o que as impedia de realizarem suas vontades pois viviam em função das necessidades da família, como cuidadoras dos filhos e do lar.

Verificamos que quanto à situação sócio – econômica, nove idosas recebem tanto aposentadoria como pensão; duas recebem só aposentadoria e três apenas pensão. Chamou – nos atenção o fato, de que quase todas as mulheres entrevistadas participaram do mercado de trabalho. Conforme Nunes (2001), não era comum para as gerações de mulheres nascidas nas primeiras

décadas do século XX a participação no mercado de trabalho a não ser para aquelas das camadas populares. Outro dado sobre as entrevistadas é que seus rendimentos estavam acima daquele estabelecido pelo Censo do IBGE (2010), ou seja, em torno de 2,8 salários mínimos. Apenas, quatro mulheres recebem de 1 a 2 salários, enquanto as outras dez tem rendimentos entre 3 e 10 salários mínimos.

Enfim, pelo conjunto de dados apresentados e pelo fato destas mulheres desejarem frequentar um programa de universidade de terceira idade, chegamos à conclusão de que nosso grupo de entrevistadas é de trabalhadoras, representantes das camadas médias da nossa sociedade. De acordo com as análises de Lobato (2010) este perfil das mulheres idosas do programa investigado é semelhante a outros perfis de alunos de universidades de terceira idade localizadas em diferentes regiões do Brasil.

3- O acesso à educação como ato de resistência:

Segundo relatos de todas as entrevistadas, a respeito do seu nível de escolaridade, constatamos que não havia muitas opções para as mulheres nascidas nas primeiras décadas do século XX, na medida em que, de acordo com Nunes (2000) a educação das mulheres não era valorizada pela sociedade, apesar de haver um grande interesse por parte desse grupo de mulheres em frequentar a escola.

As próprias famílias não incentivavam os estudos, porque acreditavam que as mulheres não precisavam ter altos níveis de escolaridade, pois eram criadas para se tornarem donas de casa, realizando tarefas domésticas e femininas, como cuidar do lar e da família. Conforme Louro (1995), a educação entre homens e mulheres, no século passado até o ano de 1950, obedecia ao chamado “vocacionismo” entendido como vocações diferentes entre sexos, estabelecendo-se assim, as diferenças entre o sexo feminino e o masculino. Cabia ao homem, estudar para trabalhar a fim de assegurar o sustento da família,

enquanto à mulher cabia cuidar dos afazeres domésticos e dos filhos. Em alguns relatos, fica claro a cultura da época e a naturalidade com que as próprias mulheres lidavam com essa questão de gênero e de geração, quando nos contaram o pensamento de seus pais a respeito do tema do estudo para as mulheres.

Além da desvalorização da educação feminina citada anteriormente, percebemos neste grupo de entrevistadas que as dificuldades financeiras das famílias de origem, também impediam que as filhas mulheres estudassem. Uma vez tendo a família, muitos filhos, a prioridade de estudo era para os filhos homens. Mesmo quando as mães das nossas entrevistadas assumiam o papel do homem, ao trabalharem para sustentarem suas famílias, seja em decorrência da separação do casal ou da viuvez, as filhas deveriam cuidar do lar, dos irmãos pequenos quando existiam, ou trabalharem para auxiliarem as mães. Por outro lado, percebemos que algumas das nossas entrevistadas relataram contar com o apoio da família que as incentivavam e tinham a educação como prioridade.

Nesse contexto de desvalorização do estudo para as mulheres das gerações mais velhas, uma das nossas entrevistadas relata ter recebido dos pais, incentivos para o estudo, embora condicionado à realização das tarefas domésticas. Segundo Louro (1995), educar mulheres nascidas nas primeiras décadas do século XX, era um processo de “escolarização do doméstico”, ou seja, um processo de transformação dos conhecimentos, habilidades e atitudes da mulher no interior do lar em “saberes escolares” (LOURO, 1995, p.10). Além disso, era reservado a elas cursos, predominantemente femininos, como uma extensão da sua função feminina: Magistério, Enfermagem e Serviço Social.

Verificamos que seis das nossas entrevistadas concluíram o segundo grau e, em sua maioria, optaram pelo curso Normal, de formação de professores, representando uma das poucas opções para as mulheres nascidas nos anos de 1920 e 1930. Estes dados corroboram com a afirmação de Louro (1995) a respeito dos cursos e profissões destinados a mulheres das gerações de mais de sessenta anos.

Em nosso estudo, identificamos que seis idosas possuem o segundo grau completo, cinco o primeiro grau incompleto, uma idosa o segundo grau incompleto e duas idosas o nível superior. Nunes (2000), ao discutir a escolaridade das idosas, verificou que o nível de escolaridade das mesmas é superior à média dos idosos com o antigo primário, e nos informa que o índice de alfabetização masculino é superior ao feminino, o que indica que nossas entrevistadas se destacam no universo feminino, tendo em vista seu alto nível de escolaridade. Nos dias atuais percebemos uma crescente escolarização feminina. De acordo com dados do IBGE (2000), as mulheres têm alcançado um nível de instrução maior do que os homens. A população masculina na faixa etária de 10 ou mais anos de idade, que concluiu pelo menos o 2º grau, passou de 14,4% em 1995 para 17,5% em 1999, enquanto que a feminina, nessa mesma faixa etária e mesmo nível de escolaridade, passou de 16,4% em 1995 para 20,4% em 1999.

Chamou-nos atenção, em nosso grupo de mulheres entrevistadas de mais de sessenta anos, que apesar de todas as barreiras existentes, algumas mulheres criaram estratégias para não terem que abandonar os estudos. Estudavam à noite, conciliavam os estudos com os afazeres domésticos, faziam “bicos” ou pequenos serviços para comprarem o material escolar.

3.1- Mulheres, casamento e estudo:

Em nossa análise observamos que muitas mulheres obtiveram uma melhoria nas suas condições de vida após o matrimônio, passando por processo de ascensão social, graças à estabilidade profissional dos seus maridos. Para as mulheres da geração de sessenta anos ou mais, o marido era responsável pelo equilíbrio familiar, o que correspondia às expectativas culturais e sociais da época, pois a ele cabia prover a família e a estabilidade do casamento.

No entanto, percebemos que algumas de nossas entrevistadas abdicaram dos seus estudos quando casaram, seja pela vontade do marido ou

pela chegada dos filhos, que exigiram maiores cuidados, demonstrando assim, a preocupação com a família e a relevância dada a seu papel de cuidadoras e educadoras na família. A esse respeito, estudos de Nunes (2000) sobre mulheres idosas têm relevado àquelas funções, na medida em que na velhice são também as mulheres que cuidam de seus maridos e parentes quando esses são acometidos por doenças como as demências.

Se para algumas mulheres o casamento interrompeu estudos e trabalho, em contrapartida, outras entrevistadas tiveram a chance de retomar seus estudos após o casamento, sendo inclusive, incentivadas pelos maridos. Acreditamos que essas possibilidades surgiram na medida em que a sociedade se transformava abrindo espaço para o Movimento Feminista que trouxe para as mulheres grandes conquistas, como: acesso ao mercado de trabalho, avanços no nível de escolaridade e busca de igualdade nas relações entre homens e mulheres.

4- Os estudos na velhice: as experiências das mulheres em uma senhora universidade:

Segundo Nunes (2001), os idosos das camadas médias de nossa sociedade, que frequentam os programas de universidade de terceira idade, demonstram interesse não só em ampliar a sociabilidade, mas também de atualizar seus conhecimentos, acompanhando e participando das questões do nosso cotidiano. Desta forma, constroem uma visão digna da velhice, desmistificando e questionando a imagem do idoso improdutivo ou inativo.

A participação em um programa de universidade de terceira idade representa para nossas entrevistadas a oportunidade de frequentar o espaço universitário, tradicionalmente, ocupado por jovens estudantes. Neste sentido, identificamos que o retorno das mulheres idosas aos estudos, possibilita trocas

geracionais que influenciam no modo como jovens e idosos se representam no espaço universitário no que diz respeito à garantia de ensino público de qualidade.

Percebemos também que, participar de um programa de universidade de terceira idade, para essas mulheres, está associado a um novo modo de viver a velhice. A esse respeito, Debert (1994) analisando a participação de homens e mulheres idosas nos espaços dos programas de terceira idade, observou que as mulheres estão mais mobilizadas que os homens pelas lutas e mudanças culturais que caracterizam os novos movimentos sociais. Esta autora identifica a participação de homens majoritariamente nas associações de aposentados, lutando por melhores condições de vida para os idosos de nosso país.

De acordo com Nunes (2001) o programa de universidade de terceira idade pesquisado, está estruturado em três módulos: ensino, pesquisa e extensão, constituindo-se como uma microuniversidade temática nas questões do envelhecimento, além de ser a primeira iniciativa de caráter público no Estado do Rio de Janeiro.

Analisando as escolhas dos cursos de nossas entrevistadas, observamos que geralmente estão baseadas no interesse das mulheres por temas que foram despertados em sua juventude. Além disso, algumas mulheres optaram por cursos que se assemelhavam a sua vocação ou vontade de profissionalização. Assim sendo, uma entrevistada revelou interesse pela área de medicina, e optou por frequentar cursos da Área de Educação Para a Saúde, tais como: Homeopatia, Saúde Natural e Prevenção de Quedas. Para Nunes (2001), o interesse das alunas idosas por esses cursos pode ser justificado pelo fato de que o cuidado com o corpo é característico do comportamento feminino, visto que as mulheres, ao longo de suas vidas, frequentaram mais os serviços de saúde do que os homens, seja levando os filhos ou cuidando da própria saúde.

Outra área de grande procura pelas mulheres entrevistadas é aquela das Atividades Artísticas e Culturais, participando de cursos que desenvolvam a expressão corporal, bem como a flexibilidade, tais como: Teatro, Tai Chi Chuan, Yoga, Dança de Salão e Biodança. Nunes (2001), afirma que esses cursos têm

desenvolvido nas mulheres novas habilidades e revelado talentos na dança, no teatro e na música e, desse modo, vem conquistando e demarcando um novo espaço para o idoso ao apresentarem suas produções artísticas e culturais em eventos dentro e fora da universidade.

Outro grupo de mulheres (três) quando indagadas sobre os cursos oferecidos pela equipe de Serviço Social, com a temática do Envelhecimento e das Políticas para Idosos, demonstrou interesse em participar, revelando a importância de conhecerem seus direitos como idosas mas desacreditadas das políticas sociais que embora pouco conhecida por elas, ainda são muito pouco implementadas. Indagadas sobre o que conheciam de seus direitos, em maioria relatam o direito ao transporte e acesso à cultura como pagar meia- entrada em shows, cinema e teatro.

Observamos que a maioria das alunas idosas, declaram não gostar de discutir política, identificando essa categoria com o exercício dos políticos brasileiros. Consideramos que essa postura tem a ver com a falta de perspectiva de se entenderem como sujeitos no processo político que envolve decidir, reivindicar direitos e fiscalizar. Para o Serviço Social essa postura tem se apresentado como um desafio no que diz respeito à relação desses sujeitos com a questão da participação dos usuários no controle social nas políticas sociais, hoje sucateadas pela hegemonia do ideário neoliberal.

Recentemente, percebemos o protagonismo das mulheres idosas, alunas do programa, quando de sua participação nos espaços de luta realizados durante a greve da universidade, onde se encontra o programa de universidade da terceira idade, com a produção de vídeo apoiando o movimento em prol do não sucateamento da universidade pública lembrando também, a existência do programa de idosos há 25 anos.

5- Considerações finais:

Com essa análise percebemos que a trajetória dessas idosas no acesso à escolaridade, também foi condicionada ao recorte de gênero e geração. Quanto às famílias de origem dessas mulheres que não tinham condições financeiras suficientes para garantirem os estudos de todos os filhos, a prioridade era para os filhos homens, pois as mulheres, deveriam ser preparadas para se tornarem donas de casa, esposas e mães, numa espécie de “treinamento geracional”, onde as mães ensinavam as filhas como executar tarefas domésticas.

Graças aos seus esforços, usando de diferentes estratégias para não interromperem os estudos, essas mulheres lutaram e venceram a desvalorização da educação feminina no país. Tal fato, demonstra interesse e gosto pelos estudos, o que não era comum para a geração de mulheres de mais de sessenta anos, visto que estudar não era um valor para a construção da identidade feminina daquelas gerações.

A nosso ver, é exatamente a valorização da educação que incentiva essas mulheres a buscarem na fase da velhice programas de universidade de terceira idade que objetivam a participação social dos idosos, através do conhecimento de políticas para idosos, proporcionando-lhes motivação, informação e educação, na busca pela conquista de direitos. Recentemente, percebemos o protagonismo das mulheres idosas, alunas do programa investigado, quando de sua participação nos espaços de luta realizados durante a greve da universidade, onde se encontra o programa de universidade da terceira idade, com a produção de vídeo apoiando o movimento em prol do não sucateamento da universidade pública lembrando também, a existência do programa de idosos há 25 anos.

Em nossa investigação verificamos que a participação dessas mulheres em universidades de terceira idade, tem significado uma nova forma de vivenciar o processo de envelhecimento, tornando-o um período de vida produtivo e gratificante ao mesmo tempo que releva o protagonismo das mulheres idosas nos programas de universidade de terceira idade no Brasil.

6- Referências

BEHRING, Elaine Rossetti e BOSCHETTI, Ivanete. *Política Social: fundamentos e história*. São Paulo: Cortez, 2008.

BERZINS, Marília A.V. da Silva. Envelhecimento populacional: uma conquista para ser celebrada. *Serviço Social & Sociedade*, São Paulo: Cortez, ano 24, n.75, p. 19-33, 2003. (Velhice e Envelhecimento).

BRASIL. *Constituição Federal*. Brasília, 1988.

_____. *Estatuto do Idoso*. Lei nº10. 741 de 1º de outubro de 2003.

_____. *Política Nacional do Idoso*. Lei nº 8. 842 de 4 de janeiro de 1994.

DEBERT, Guita Grin. A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. In: LINS-DE-BARROS, Myriam Moraes. *Velhice ou terceira idade?* Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. Rio de Janeiro: FGV, 1998, p.49-67.

_____. Gênero e Envelhecimento. *Estudos feministas*, Rio de Janeiro: UFRJ, v.2, n. 3, p. 3-51, 1994.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. *Censo demográfico de 2000*. Disponível em:< www.ibge.gov.br> Acesso em: 24 de março de 2015.

_____. *Censo demográfico de 2010*. Disponível em: < www.ibge.gov.br> Acesso em: 08 de julho de 2018.

LOBATO, Alzira Tereza Garcia. Considerações sobre o trabalho do assistente social na área do envelhecimento. In: FORTI, Valéria e GUERRA, Yolanda (Orgs.). *Serviço Social: temas, textos e contextos*. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2010, p. 213-226.

LOBATO, Alzira Tereza Garcia. Serviço Social, envelhecimento e extensão universitária: a contribuição dos assistentes sociais na UnATI/UERJ. 2018. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro) UERJ. Rio de Janeiro.

LOURO, Guacira Lopes. Educação e relações de gênero. *Revista EM PAUTA*. Rio de Janeiro: UERJ / FSS, nº5, Junho de 1995, p. 5-15.

MINAYO, Maria Cecília de Souza e SANCHES, Odécio. Quantitativo – Qualitativo: oposição ou complementaridade? *Cadernos de Saúde Pública*, v. 9, n. 3, p. 239-262, 1993.

NUNES, Alzira Tereza Garcia Lobato. As mulheres na Universidade da Terceira Idade: busca por novas formas de envelhecer. *In: PAZ, Serafim e outros (Orgs.). Envelhecer com Cidadania: quem sabe um dia?* Rio de Janeiro; CBCISS; ANG/Seção Rio de Janeiro, 2000, p. 95-106.

_____. O Aprendizado de Idosos de um Programa de Universidade de Terceira Idade a Partir de Suas Escolhas. *In: GOLDMAN, Sara Nigri e PAZ, Serafim Fortes (Orgs.) "Cabelos de Neon"*, Rio de Janeiro, Talento Brasileiro, 2001. p. 186-196.

TEIXEIRA, Solange Maria. *Envelhecimento e Trabalho no Tempo do Capital: implicações para a proteção social no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2008.